

		Asclépio, o Deus-Herói: seu Mito e seu Culto	Fev / 2010
	labeca		1 de 6

KOCH, S. R.

2009. Asclépio, o deus-herói: seu mito e seu culto. S.P., Labeca - MAE/USP.

[revisão Labeca]

1. O Mito

O mito de Asclépio é ainda bastante desconhecido da maioria das pessoas, mesmo levando-se em conta que os efeitos de sua existência nos alcançam até hoje. O seu conhecimento depende de uma grande variedade de fontes: arqueológicas, epigráficas e textuais.

Divindade ligada à cura das doenças humanas, sua presença no mundo grego é atestada desde o século XIII a.C. Ainda que, em geral, ele permaneça afastado dos ciclos lendários, há uma versão que atribui a origem do mito deste deus-herói à Trica, na Tessália. Devemos lembrar, também, que Asclépio é citado na *Ilíada* de Homero.

Na versão mais comum de seu mito, no entanto, Asclépio (ou Esculápio em latim) era filho do deus Apolo¹ e de uma mortal, a ninfa Corônis, filha de Flégias, o rei dos Lápidas. Temendo que o deus eternamente jovem a abandonasse na velhice, e já grávida, Corônis uniu-se a Ísquis atizando a ira do deus. Ísquis foi então morto por Apolo e as flechadas de Ártemis desferidas a pedido de seu irmão feriram mortalmente Corônis. Mas, da mesma forma como acontecera a Dioniso, a criança foi retirada por Apolo do ventre da mãe por meio de uma cesariana umbilical, e recebeu o nome de Asclépio conhecido entre os gregos como “o bom, o simples, o filantropíssimo”. A origem deste nome, contudo, permanece desconhecida.

Asclépio foi, então, entregue aos cuidados do Centauro Quíron, que o criou e educou no monte Pélion, tido como um local aprazível e regenerador. Ali, o pequeno Asclépio fez inúmeros progressos chegando mesmo a ressuscitar os mortos. Diante de tais prodígios, Zeus, temendo pela alteração da ordem do mundo e a pedido de Plutão, fulminou-o com um raio. Neste caso, a lenda conta que, tal como ocorrera com Hércules, Asclépio foi divinizado. Conta a lenda, também, que teria se casado com Epíone, em algumas versões, ele tem dois filhos: Podalírio e Macaon, médicos como ele e mencionados na *Ilíada*.

1 Note-se que não há registro do culto a Apolo em época micênica, no século XIII a.C. e, por isso, podemos pensar que apesar de na versão do mito mais comum, o de Asclépio aparecer como filho de Apolo, o seu culto é mais antigo do que o dessa divindade.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Asclépio, o Deus-Herói: seu Mito e seu Culto	Fev / 2010
labeca		2 de 6									

Em outras versões, consta que Asclépio teria tido de Epíone pelo menos quatro filhas: Áceso (a que cuida de), Iaso (a cura), Panacéia (a que socorre a todos) e Higiéia (a saúde).

Ao contrário de outros deuses com suas personalidades complexas, Asclépio deve seu estatuto e sua popularidade a uma única função particularmente importante para os homens: a cura de doenças. É a divindade da medicina por excelência.

Em uma das versões do mito, Asclépio fixou-se em Epidauro onde Apolo (que também era tido como deus da cura) imperava com seu culto, desenvolvendo ali uma verdadeira escola de medicina, cujos métodos eram predominantemente mágicos, mas cujo desenvolvimento (em alguns ângulos espantosos para a época) preparou o caminho para uma medicina bem mais científica nas mãos dos chamados asclepiades, descendentes de Asclépio, cuja figura mais célebre foi o grande Hipócrates (séc. V a.C.), da escola de Cós.

Um outro aspecto de Asclépio diz respeito ao fato dele ser considerado um herói. É Píndaro, no início do século V a.C., que assim o chama. O culto aos heróis na Grécia tem a ver com o começo da vida de um grupo social, com a fertilidade da terra e a sobrevivência, com a legitimidade de um grupo. Nesse sentido, muitos heróis, fundadores de cidades, colonizadores de lugares novos são cultuados em seus túmulos; este culto liga-se ao culto dos mortos em geral e às profundezas da terra de onde vêm a vida que garante a alimentação do grupo. São o que chamamos de cultos ctônicos. Este caráter de ligação íntima com a vida – que é assumida pelos heróis de forma geral – é que podemos atribuir também a Asclépio. Como herói, que foi deificado, Asclépio participa da natureza humana e da natureza divina, simbolizando a unidade indissolúvel que existe entre ambas, assim como o caminho que conduz de uma para a outra. Profundamente ligado ao domínio ctônico Asclépio transcende-o, sendo considerado entre os gregos como ser duplo: ctônico-olímpico. Sendo filho de um deus (Apolo) e de uma mortal (Corônis), ele teve filhos e morreu, sendo atribuída a ele a condição de herói. Apesar de não encontrarmos registro de que seu túmulo tivesse sido cultuado como no caso do culto ctônico aos heróis, sua natureza de curador dos males físicos humanos, sua ligação com Apolo e com os mortais ao mesmo tempo e o testemunho de Píndaro permitem-nos atribuir a ele o caráter de herói.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Asclépio, o Deus-Herói: seu Mito e seu Culto	Fev / 2010
labeca		3 de 6									

2. O culto

Tanto em época histórica, quanto anteriormente a ela, a natureza desta divindade manteve um caráter ambivalente entre herói e deus: assim, as oferendas eram feitas a ele como deus e os *enáguismata* (sacrifícios) ofertados a ele como herói. O culto a este deus-herói atingiu uma enorme popularidade no mundo grego, principalmente a partir do século V a.C., com a Guerra do Peloponeso, quando a sociedade grega veio a sofrer mudanças dramáticas, que alteraram definitivamente seu antigo estilo de vida e seus conceitos. A instalação de epidemias, fruto das constantes migrações dos moradores das áreas rurais para as cidades, fugindo do ataque inimigo (como no caso de Atenas), a desordem ocasionada em muitas cidades pelo estado permanente de guerra anunciavam o declínio da pólis grega, modelo organizacional que vinha tendo sucesso desde o século VIII a.C.

A instabilidade social se mostrava um fator insistente e generalizado, neste quadro o recurso ao panteão grego e às suas tradicionais divindades diminuía constantemente. O interesse, por outro lado, crescia particularmente pelas filosofias e religiões de retiro que propunham uma espécie de salvação individual e paz de espírito. Neste contexto, o culto de Asclépio passa a assumir uma importância muito grande e é então que vemos o desenvolvimento monumental de seus santuários em muitas das *póleis* gregas. Como portador da saúde e da salvação pessoal nesse mundo, sua veneração em toda a Grécia continuou diretamente ligada a Apolo, deus da saúde, da limpeza. Asclépio assumiu como seus atributos mais usuais, a serpente ao redor de um bastão, a pinha, a coroa de loureiro, a cabra, o cão e o galo.

É preciso notar que a importância do espaço dos santuários de Asclépio não se restringe unicamente à questão médica, mas abrange outros aspectos importantes da sociedade grega a partir do século IV a.C., que é também um período de metamorfose no âmbito religioso, político e cultural.

Ao longo de sua expansão, o culto a Asclépio, em muitos dos santuários nascentes, tomou o lugar do culto de um deus ou um herói já existente sem, contudo, controlar totalmente os locais de peregrinação. Em outros santuários, compartilhou espaço com outras divindades, como é o caso de Apolo. Em Corinto, por exemplo, o culto a Asclépio foi articulado com um culto mais antigo de Apolo.

No santuário de Asclépio, em Epidauro, as oferendas feitas a ele em sua condição de deidade tinham seu lugar no templo, e os *enáguismata* ou sacrifícios eram feitos em um culto secreto ao herói dentro do *thólos* (edifício circular abobadado), que continha um labirinto em que provavelmente era guardada

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Asclépio, o Deus-Herói: seu Mito e seu Culto	Fev / 2010
labeca		4 de 6									

a serpente. Este réptil, que era um animal ctônico, tinha entre seus principais atributos para os antigos o dom da adivinhação, simbolizando o renascimento e a renovação ininterrupta da vida. Na constituição espacial do santuário de Epidauro, o templo para o deus e o *thólos* para o herói ficavam lado a lado.

Na entrada do recinto sagrado do antigo hierón, havia um arco sobre duas fileiras de colunas de mármore em que estava gravada a síntese das grandes curas da medicina de Asclépio: *“Puro deve ser aquele que entra no Templo perfumado. E a pureza significa ter pensamentos sadios”*. Estava aí uma das bases sobre as quais se ministravam os tratamentos: a *nooterapia* (cura da mente); portanto só haveria cura quando houvesse a *metanóia* (transformação dos sentimentos). Muitos autores concluem que os Sacerdotes de Asclépio acreditavam que as *harmatíai* (as faltas, os erros, a desmedida) provocassem no ser humano problemas que levavam a ideias fixas, e sua instalação e permanência na mente gerassem as doenças.

A importância da atividade médica era largamente reconhecida pelos helenos, principalmente levando-se em conta o fato de estarem constantemente sujeitos a guerra e a seus efeitos. Estes “médicos”, os asclepiades, vinham de diferentes escolas, dentre elas podemos citar algumas como a escola de medicina italiana (Magna Grécia), Cirene (do norte da África), Pérgamo, Atenas, Epidauro, Cnidos; e o culto mais ortodoxo a Asclépio que se dava em Cós, terra de Hipócrates, que mereceu um papel de destaque na medicina ocidental nascente a partir do século V a.C.

Diferentemente da escola de Epidauro, a escola de Cós seguiu por outras vertentes com relação à cura, que se constituiu sob a orientação de Hipócrates no chamado método indutivo ou observação clínica, eminentemente empírico. Esta metodologia baseava-se na observação das informações e queixas trazidas pelos enfermos associadas a fatores externos como clima e possíveis antecedentes. Tem-se o que hoje se denomina anamnese ou exame clínico.

Entre os autores, é praticamente unânime a ideia de que o *Corpus Hippocraticum*, formado por cerca de sessenta tratados, tenha sido escrito por várias mãos baseadas nas orientações do mestre de Cós. Os tratados abordam, de maneira geral, embriologia, fisiologia, patologia geral, patologia de condições particulares, ginecologia, diagnóstico, prognóstico, tratamento, prevenção e aspectos éticos. Hipócrates definia como ponto de partida da arte médica em sua forma mais primitiva, o socorro ao organismo humano, vítima de uma dieta tosca. A descoberta de um sistema saudável de alimentação foi um dos ganhos da medicina nesta época.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Asclépio, o Deus-Herói: seu Mito e seu Culto	Fev / 2010
labeca		5 de 6									

Epidauro foi um dos mais importantes centros de cura entre o século V e IV a.C., ocupando a posição de grande centro espiritual e cultural. Tendo-se em vista que se presumia que a causa das doenças era mental, utilizava-se um método terapêutico espiritual, daí a importância da nooterapia, que consistia no tratamento que propiciava a higienização e a reforma do ser humano como um todo. Havia assim uma busca incessante, por meio do princípio do “conhece-te a ti mesmo”, de forma que o homem despertasse para a realidade de sua essência.

Levando-se em conta as inscrições encontradas em estelas hoje preservadas no Museu de Epidauro, datadas de fins do século IV a.C., as curas realizadas não eram atribuídas a medicamentos, mas sim à *metanóia*, ao juízo e a intervenção divina. Assim, os sacerdotes de Asclépio, muito mais pensadores profundos do que propriamente médicos como hoje os concebemos, promoviam um grande progresso relacionado à psicossomática e à nooterapia, partindo, ao que parece, do princípio de que a harmonia e a ordem divina exercem influência decisiva sobre a saúde física e psíquica do ser humano. Recomendavam aos doentes que “pensassem santamente”, estando por isso convencidos de que, quando a nossa consciência se mantém em estado de pureza e harmonia, o físico torna-se necessariamente são e equilibrado. É o que pode ser visto também em Platão, no *Banquete* [186 d.], nas palavras do médico-filósofo Erixímaco.

A importância dos sonhos dos pacientes para os sacerdotes possivelmente partia daí. A chamada *enkoímesis*, ação de deitar-se, de dormir no *ábatos* (lugar sagrado) era a primeira fase da cura. O deus vinha visitar os pacientes neste momento e as descrições dos sonhos pelos enfermos eram interpretadas pelos sacerdotes que, em seguida, receitavam os remédios. Era o que se pode chamar de *mântica por incubação*. Com a experiência adquirida e o decorrer do tempo, as curas por meio de ervas e as cirurgias trouxeram suas contribuições, porém, a cura integral era fruto da *metanóia*.

Os santuários de Asclépio, com destaque para Epidauro, eram também centros culturais e de lazer. Lá havia um *odeon*, um pequeno teatro fechado onde se ouviam poetas e música; um estádio para as competições esportivas que se realizavam de quatro em quatro anos; um ginásio para exercícios físicos; um teatro, o mais bem conservado do mundo grego e que foi construído no século IV a.C., pelo grande arquiteto Policleto, o Jovem; uma Biblioteca e numerosas obras de arte.

Havia, em grandes santuários como o de Epidauro, uma *metúsia*, um *communio*, um *consortium*, que representavam o elo entre as cerimônias culturais e cultuais, as doxologias (hinos laudatórios) com que os sacerdotes reforçavam

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Asclépio, o Deus-Herói: seu Mito e seu Culto	Fev / 2010
labeca		6 de 6									

o sentimento religioso dos peregrinos e a harmonia da música, da poesia e da dança por seu valor terapêutico e tranquilizante. A tragédia, a comédia, a poesia épica e lírica contribuía para aumentar a espiritualidade e purificar a alma de certas paixões desastrosas. A ginástica e as disputas atléticas disciplinavam os movimentos e o ritmo interior do corpo, multiplicando as possibilidades físicas e psíquicas do ser humano. A contemplação artística das obras de arte que ornamentavam o *ábatos* propiciava a elevação e a espiritualização do pensamento.

O conhecido verso do poeta latino do século I-II d.C., Juvenal parece ser uma extensão dessa linha de pensamento [Sat. X. 356]:

Orandum est ut sit mens sana in corpore sano.

(O que se deve pedir é que haja uma mente sã num corpo são.)

O escritor Henry Miller em seu livro *The Colossus of Maroussi* apresenta suas conclusões com relação a proposta da nooterapia exercida pelos asclepiades de Epidauro: “A meu ver, não há mistérios nas curas que se realizaram neste grande Centro Terapêutico da antiguidade. Aqui o médico era o primeiro a ser curado, o que constituía o grande progresso de uma arte que não é médica, mas religiosa” (1941: 77).

Bibliografia:

BATISTA, R. S.

2003. *Deuses e Homens: mito, filosofia e medicina na Grécia antiga*. São Paulo: Landy Editora.

BRANDÃO, J. S.

2001. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Editora Vozes.

BURKERT, W.

1992. *The Orientalizing Revolution Near Eastern Influencion Greek Culture in Early Archaic Age*. Cambridge, Mass and London: Harvard University Press..

BURKERT, W.

1993. *Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.